



UNICAMP

EVENTO: Entrevista Ministro Jack Lang (França)
citação do CDMC
VEÍCULO: Revista Isto É (Senhor)
DATA: 02 de outubro de 1991
PÁGINA: 05 / 06 / 07
SEÇÃO: Entrevista



A PRIVATIZAÇÃO VIRA BADERNA

Governo adia o leilão da Usiminas que
manifestantes tentaram barrar à força no Rio

Leva, mas não bate

Esmagado por críticas, o governo francês tem no ministro Jack Lang um porta-voz hábil e cordial

POR GIANNI CARTA, DE PARIS

Certa vez, após ter visitado a Índia, o atual ministro da Cultura e Comunicação e porta-voz do governo francês, Jack Lang, encomendou ao costureiro Thierry Musler a confecção de vestimentas usadas em solenidades oficiais pelas autoridades do governo hindu. Pronta a roupa, Lang não hesitou em usá-la na Assembléia Nacional. "Eu parecia um membro do clero", afirma ele. Lang diz ter se dado conta de que poderia ser caçado na assembléia, mas estava "tão contente e sem complexos" com sua roupa negra que não se incomodou com os "Khadafi" ecoados das bocas de um punhado de representantes da direita. "Foi divertido", comenta Lang.

Assim é esse ministro francês: "Imaginativo", segundo pesquisas recentemente realizadas. Outros adjetivos foram empregados para definir o ministro, que aprecia o poeta francês Rimbaud (1854-1891) e prefere usar palavras desusadas e arcaicas "porque elas se sobressaem na linguagem modernista". Lang foi classificado, na pesquisa, como "brilhante", "descontraído", "jovem" e "divertido". Há, porém, aqueles que o vêem como "insuportável". Eles o acham seguidor do estilo "cheguei": ou seja, Lang, que tem 52 anos, gosta de aparecer. Talvez. Na arte do possível cada um usa seus próprios métodos para vender suas idéias. Nesse momento em que o governo socialista francês está atravessando uma fase repleta de obstáculos, que vão do alto nível de desemprego a uma séria crise educacional, Jack Lang tornou-se um dos ministros mais habilidosos, justamente por seu estilo, para não deixar o moral dos franceses afundar de vez.

Impassível, o ministro da Cultura sustenta que as recentes sonda-

gens desfavoráveis à esquerda "se explicam particularmente pela redução mundial do crescimento". Não se trata, portanto, de um fenômeno que atinge apenas o Partido Socialista e o governo francês. "Todos os governos têm atualmente dificuldades em relação a opinião porque são obrigados a tomar medidas desagradáveis para lidar com essa situação econômica." Embora a profissão de ministro obrigue Lang a abordar assuntos econômicos, sua área de predileção encontra-se seguramente nas artes. Aos cinco anos ele já havia descoberto o teatro. "Tinha vontade de transformar o mundo e um gosto para atuar", diz. Na época ele criaria um teatro de marionetes. Aos 17 anos, Lang ganhou um prêmio de comédia.

Na década de 60, Lang fundou o Festi-

val Internacional do Teatro Universitário de Nancy, o passo inicial em sua carreira política. Mais tarde Lang seria o primeiro porta-voz de todos os assuntos culturais do Partido Socialista e, em 1981, se tornaria ministro da Cultura pela primeira vez — esta é a segunda que ele ocupa o cargo. Desde seu ingresso na política, Lang foi visto, no entanto, como o ator que ele foi, não como o político que hoje é. Ao contrário de muitos seus colegas de governo, seu discurso, apesar de rebuscado, é considerado "direto". Assim, não é difícil explicar a popularidade de Jack Lang.

P — O fracasso do socialismo colocou a esquerda de países ocidentais em uma situação difícil. Como o sr. analisa essa questão?

R — Não é possível comparar aquilo que os países do Leste chamavam de socialismo e o socialismo democrático da Europa ocidental. O fracasso do socialismo nos países do Leste é o fracasso de uma concepção centralizadora do socialismo, é o fracasso de uma economia planificada, é o fracasso de um socialismo que esqueceu sua razão de ser: os direitos do homem, as liberdades, o desabrochamento de cada homem e de cada mulher. Nessa linha, o que aconteceu no Leste não resulta em questionamentos ao socialismo na Europa ocidental. O fracasso no Leste confirma, no entanto, que o futuro não é mais buscar a ruptura com o capitalismo que nós tínhamos inscrito em nossos programas há 10 ou 15 anos.

P — Qual o futuro que deve, a partir de agora, ser inscrito nos programas da esquerda?

R — Nós devemos inscrever nossos projetos socialistas no quadro de uma economia de mercado. Isso sem



Lang: economia de mercado e humanização do lucro

renunciar ao papel do Estado, que deve corrigir a miopia do mercado. O Estado tem os meios de lembrar à economia que seu objetivo principal não é o lucro, mas o homem. O lucro é um meio necessário para o desenvolvimento econômico de um país, ele não é o alvo de uma sociedade e de cada um de seus membros. O socialismo propõe os valores mais positivos: a solidariedade, a democracia política e social sempre sendo aprofundadas, o desenvolvimento dos indivíduos especialmente pela cultura. O socialismo, baseado no que estou dizendo continua a ser atual.

P – Nas últimas pesquisas, a esquerda na França teve seus mais baixos índices de aprovação desde 1981. O que o sr. acha que deve ser feito a partir desses resultados negativos?

R – Quando falam dessas pesquisas, eu creio que as pessoas fazem alusão a algumas sondagens que se explicam particularmente pela redução mundial do crescimento: a recessão econômica ameri-

so extraordinário para adotar um novo projeto socialista para a França dos anos 90. É em torno desse projeto que nos devemos reconquistar a opinião e mobilizar homens e mulheres deste país. Não tenho dúvidas de que nos daremos bem nessa empreitada.

P – Não será difícil mudar a opinião pública levando-se em consideração que o presidente Mitterrand saiu de uma longa fase de popularidade conhecida desde 1986?

R – Os franceses têm consciência de ter um presidente que hoje desfruta de um grande prestígio no mundo inteiro. Nós devemos a ele a modernização de nosso país de dez anos para cá e o aprofundamento da coesão social, da solidariedade no seio da sociedade francesa.

P – Quais são as maiores dificuldades que enfrenta a primeira ministra Edith Cresson?

R – Em primeiro lugar o machismo dos homens políticos e, particularmente, daqueles da oposição. É um gracejo, mas há um fundo de verdade nele. Creio que eles não estavam preparados para ver uma mulher como chefe do governo. A sociedade francesa, contudo, estava pronta e acho que a sra. Edith Cresson afirma e demonstra a cada dia sua grande capacidade, superior a de muitos homens que trabalham pelo bem e pelo interesse de nosso país. Gracejo à parte, a sra. Edith esbarra em todas as dificuldades que encontra todo governo atualmente. Dificuldades ligadas a qualquer crescimento, aos problemas de desemprego, aos problemas de integração da comunidade imigrante na França. Mas essas dificuldades não são capazes de fazê-la parar. Pelo contrário, ela mostra uma concreta vontade de agir que já começa a surtir efeito.

P – O sr. defendeu, certa vez, a tese de que os Ministérios de Cultura tendem a desaparecer. O sr. ainda pensa dessa forma?

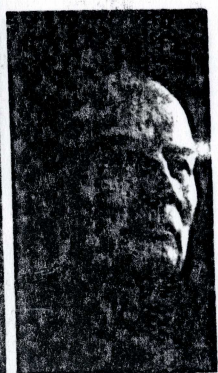
R – Certamente. Sem prever, é claro, sua data de desaparecimento. Digamos que se trata de uma tentativa contínua, de um movimento incessante rumo a um horizonte cada dia adiado. O objetivo de um Ministério de Cultura não é o de instituir por decreto aquilo que se deve pensar ou amar, nem o de distribuir rótulos "culturais". Um tal Ministério deve abrir portas, oferecer meios para traçar outros caminhos para a beleza, implantar as condições mais favoráveis para a estabilidade em uma vida em sociedade. Em toda lógica, se esse Ministério executar plenamente sua obra, a sociedade produzirá sua cultura. Sua vida cultural simplesmente se confundirá com sua existência, com sua maneira de ser. Nesse caso, uma instituição encarregada dos afazeres culturais não é mais necessária.

P – Existe algum político de direita que o fascina?

R – Fascínio é uma palavra que me parece um pouco excessiva. Mas nenhum francês pode ficar indiferente à obra de alguns excelentes políticos como, por exemplo, o general Charles de Gaulle. Estou particularmente ligado ao diálogo com o conjunto de partidos democráticos. Regularmente tenho encontros com os responsáveis da oposição de direita na França. Trato evidentemente com os mais abertos e inteligentes. É com eles que tenho intercâmbios positivos.

P – Qual a relação que existe no campo da arte entre o Brasil e a França?

R – A retomada da solidariedade entre países de língua e cultura latinas é uma prioridade desde 1983. O encontro em Veneza de seis ministros de países latinos, entre os quais o Brasil, permitiu definir as prioridades comuns: a defesa e a promoção de línguas, salvaguarda do patrimônio, multiplicação de intercâmbios entre criadores, cooperação no domínio da comunicação. No que diz respeito mais especificamente ao Brasil, as relações foram reforçadas de maneira espetacular por uma parceria audiovisual importante. **O projeto França-Brasil**, cuja idéia foi lançada na ocasião de minha visita ao país em 1983, deu origem a co-produções cinematográficas, a criações teatrais, a exposições e a turnês artísticas. Há um fato, importante, que eu quero citar, que é a instalação na **Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, em São Paulo, de um Centro de Documentação da Música**



François Mitterrand, presidente francês

Todos nós devemos ao presidente François Mitterrand a coesão social e a modernização da França nos últimos anos

cana e a crise do Golfo arrebataram nossa economia em um período difícil no qual o desemprego cresce. Baseado nisso, todos os governos têm atualmente dificuldades em relação à opinião porque eles são obrigados a tomar medidas desagradáveis para lidar com essa situação econômica. Não é, portanto, particular à França e nem ligado à esquerda na França. Creio que para sair dessa passagem ruim não há outra solução a não ser prosseguir com determinação na política que é conduzida sob a autoridade de François Mitterrand, por Edith Cresson e pelo ministro das Finanças, Pierre Bérégovoy. É a forma de consolidarmos nossa economia e estarmos prontos a tirar o melhor partido de uma retomada econômica que é esperada para o fim do ano. Mas é necessário, também, que a esquerda faça um esforço de redefinição de seu projeto após uma década passada no poder. É isso que o Partido Socialista está fazendo na França. No fim do ano haverá um congres-



General Charles de Gaulle

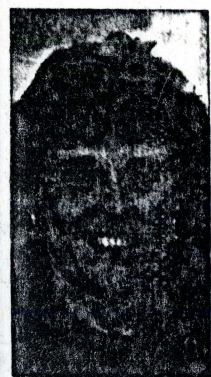
Eu acho que nenhum francês pode ficar indiferente à obra de alguns excelentes políticos, como foi, por exemplo, De Gaulle

Contemporânea. O centro foi instalado em 1988 e está ligado ao Centro de Música Contemporânea de Paris.

P – Na opinião do sr., existe hoje uma capital da arte?

R – A realização de grandes projetos culturais por parte do presidente François Mitterrand, o novo ímpeto dado à criação e ao mercado da arte, a presença de nu-

merosos artistas estrangeiros mostram, sem dúvida alguma, que Paris voltou a ser uma das capitais das mais importantes no plano cultural. No que diz respeito a Berlim, com o desaparecimento da cortina de ferro e graças à abertura e ao desencravamento político dos países do Leste, todas as condições foram reunidas para que Berlim



Edith Cresson,
primeira ministra

É um gracejo com um fundo de verdade: a primeira-ministra Edith Cresson tem no machismo dos políticos um difícil obstáculo

reencontre a importância que teve antes da Segunda Guerra Mundial e volte a ser um dos centros mais brilhantes da cultura europeia.

P – Berlim pode se tornar o único centro cultural da Europa?

R – Não. O futuro de nosso continente não deve ser encarado como um debate de metrópoles, até mesmo de megalópolis. Não se trata de “ultrapassar” até esmagar o vizinho, mas de superar as diferenças e as fronteiras artificiais, e de fazer o diálogo fluir. O grande mercado europeu de 1993 deve marcar uma nova etapa na aproximação de grandes cidades européias e no entendimento entre os povos. Existem melhores soluções que nos suplantarmos uns aos outros. Mais urgente ainda é aprofundar a reflexão sobre aquilo que une nossas diversidades e faz de nós todos europeus, homens do mesmo continente e de uma mesma cultura. Não há razão para se querer exercer uma hegemonia.

P – A indústria cinematográfica pode viver sem ser subvencionada?

R – A indústria do cinema e programas audiovisuais conhece há dez anos mutações. O Estado não podia deixar se agravar um certo número de desequilíbrios sem reagir. Nós visamos um objetivo triplo: reforçar e renovar a criação, manter a frequência de salas, edificar uma indústria nacional de programas de cinema e de televisão. Não nos esqueçamos que o número de canais de televisão, a vocação nacional, passou de três a sete – enquanto que o cable e a difusão por satélite não param de aumentar sua influência... e de multiplicar as imagens oferecidas aos

telespectadores. A televisão representa para o cinema, portanto, uma concorrência perigosa. Os programas do pequeno vídeo, em sua grande maioria, dão preferência à difusão de longas-metragens. Era normal impor regras que permitissem ao cinema participar de maneira mais importante dos lucros que a televisão obtém graças à difusão de filmes. Ao dar um quadro sólido às obrigações da produção das televisões, o Estado permitiu um melhoramento rápido da situação: em 1988, a parte da televisão no financiamento da produção francesa era de 9%; em 1990, ela passou para perto de 20%. O montante total de compras de direitos de difusão teve em francos correntes foi multiplicado por quatro de 1985 a 1990. Enfim, para apagar a imagem de uma profissão que não sobrevivia a não ser através de reforços de subvenções, eu gostaria de lembrar que a conta de apoio financeiro da indústria cinematográfica e da indústria de programas audiovisuais é em grande parte alimentada pela própria profissão: uma taxa especial é retirada antecipadamente do preço de entradas de cinema. Essa taxa representa por volta de 11% da receita recebida nos guichês das salas e uma contribuição de 5,5% é paga sobre seus recursos pelas sociedades de televisão.

P – Que meios a França usa para difundir sua cultura?

R – Entre 1981 e 1991 o orçamento do departamento de Relações Internacionais do Ministério de Cultura foi multiplicado por mais de 100, passando de 0,2 milhões de francos a 28,8 milhões de francos. Eis, me parece, um primeiro “meio” de difusão bastante consequente... Mas além desses números, que refletem um esforço não desdenhável, há outros “difusores” da cultura francesa: os estrangeiros mesmo. De fato, de 30 anos para cá, desde a existência de um Ministério de Cultura na França, a política de intervenção pública nesse domínio suscitou um interesse crescente fora de nossas fronteiras. É claro, a rede de alianças francesas, os serviços culturais de nossas embaixadas e ainda as turnês internacionais de nossos próprios artistas têm um papel de primeiro plano na defesa de nossas cores pelo mundo. Mas cada vez mais a cultura francesa se exporta graças também a todos os artistas, aos responsáveis de instituições, aos intelectuais, aos criadores estrangeiros. Cada vez mais numerosos, eles vêm tomar-se nossos amigos. Eles vêm descobrir as novas relações estabelecidas entre os responsáveis políticos e os atores da vida cultural. Há dez anos a cultura na França virou uma noção compreendida de maneira menos “limitativa”: uma noção que

engloba todos os aspectos da vida em sociedade e de todas formas de expressão e de criação. Uma noção, enfim, que não pode ser compreendida sem um espírito de abertura a todos que falamos conosco além de nossas fronteiras... A “cultura francesa” é, portanto, uma certa forma de abordar a cultura. Uma cultura cuja “difusão” deve muito, é evidente, ao reforço de vínculos naturais e históricos que nos reatam aos outros povos do mundo através da francofonia, da latinidade ou pelo tesouro comum que partilham os ribeirinhos do Mediterrâneo.

P – Qual a visão do sr. sobre a cultura brasileira? O sr. tem preferências na literatura ou na música brasileira?

R – A diversidade da cultura brasileira torna difícil a evocação de uma visão única que acaba sendo demasiadamente restritiva. Falemos de “imagens”, portanto. Parece, sem jogar com palavras, que a singularidade do Brasil é seu caráter plural. É um país modelo na medida em que



Gilberto Gil,
compositor

É muito raro eu ter um tempo de sobra, mas quando o meu trabalho permite, eu adoro ouvir um disco do Gilberto Gil

ele soube integrar essas diferenças. Isso faz do Brasil uma sociedade verdadeiramente viva. O Brasil é um mosaico. O brasileiro não tem apenas uma cor. Ele possui, no entanto, uma identidade muito forte: tão forte que um francês reconhece nos primeiros acordes a origem de uma música escutada por acaso no rádio, se essa música vem do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Existe um “ar” brasileiro, um perfume que faz sonhar por muito tempo. Quando meu trabalho me permite, pois muito raramente tenho um tempo de sobra, adoro mergulhar nesse clima único escutando um disco de Gilberto Gil ou de Chico Buarque. E entre os meus grandes prazeres literários encontram-se, é lógico, Jorge Amado. Gosto também, embora seja menos conhecido na França, de Carlos Drummond de Andrade, cuja poesia não cessa de aprofundar aquilo que ele mesmo chama de “o claro enigma da máquina do mundo”.